

N O E M Á F A G O S

P O R Q U E S I M

Danilo de Athayde

Antes do sono ela pergunta por quê,
e eu respondo, e dentro da resposta
mora outra pergunta,
como na boneca mora outra boneca
e na chave outra fechadura.

Por que a chuva. Porque a nuvem.
Por que a nuvem. Porque o mar,
quando o sol o chama, sobe.
Por que o sol. Por que o chamado.

Cada resposta é uma porta
empurrada para um corredor de portas,
e as palavras com que explico
são mais escuras que a coisa explicada.

Descemos juntos os porquês
contando os degraus no escuro,
até que a escada acaba
e ainda não é o chão.

Digo então: porque sim.

As duas palavras deitam tábuas
sobre o poço, grama sobre as tábuas
e, sobre a grama, um quintal.

Dou-lhe um chão que não tenho.
E ela dorme. E o chão que não existe
sustenta, a noite inteira,
o peso de um pardal.

Um dia ela vai saber
que tudo o que há começou
como esta noite,
com um porque sim dito baixinho
para que alguém pudesse dormir.